

**"Eu nasci líder aqui nessa comunidade": Uma análise do discurso político de
Toninho Canecão, líder do Quilombo São José da Serra**

Bárbara Araújo Machado¹

RESUMO

Antônio Nascimento Fernandes, conhecido como Toninho Canecão, é presidente da associação de moradores do Quilombo São José há cerca de 10 anos, e sob sua liderança a comunidade conquistou a tão aguardada titulação das terras. Frequentemente entrevistado por historiadores e antropólogos, Toninho Canecão apresenta um discurso profundamente articulado. O objetivo do trabalho é analisar estruturalmente o aspecto político de seu discurso, através do conceito de "invariantes do discurso político" trabalhado por Ciro Cardoso. A partir dele, é possível perceber de que forma Toninho Canecão constrói seu discurso, quais os seus objetivos com essa maneira de construí-lo e os motivos pelos quais acentua algumas invariantes sobre outras.

ABSTRACT

Antônio Nascimento Fernandes, known as Toninho Canecão, has been the president of the Quilombo São José da Serra's community association for about ten years. During his leadership the community conquered the ownership of land they occupy, a right which they have longed for so long. Frequently interviewed by historians and anthropologists, Toninho Canecão presents very articulate arguments in his speech. The goal of this paper is to structurally analyze the political aspect of Toninho Canecão's speech, through the concept of "invariants of the political discourse" proposed by Ciro Cardoso. According to this, it is possible to understand how Toninho Canecão builds his speech, and which are his goals with this particular way of putting it together, and the reasons why he accentuates some invariants over others.

¹ Estudante de graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO

A matéria prima que será trabalhada adiante está imbuída de uma característica específica: trata-se de duas entrevistas, uma realizada coletivamente pela turma de História Oral e outra individual, feitas com o líder político do Quilombo São José da Serra, Antônio Nascimento Fernandes, Toninho Canecão². Ele é reconhecido atualmente como o porta-voz da comunidade de São José e é o principal responsável pela reprodução de sua memória. Portanto, devo esclarecer de início o que *não* pretendo fazer neste trabalho. A relação entre a autobiografia desenvolvida por Toninho Canecão, a memória coletiva da comunidade e os usos políticos do passado já foi feita com cuidado e precisão por Hebe Mattos³. Alessandro Portelli afirma que “o testemunho oral, de fato, nunca é o mesmo duas vezes” (PORTELLI, 1991:55). Por inegável e enriquecedor que seja esse fato, acredito que seja de maior valia procurar novas abordagens do que insistir nessa análise. Nesse sentido, pretendo analisar o discurso de Toninho Canecão em sua dimensão política: sob que elementos fundamentais ele se estrutura, qual o papel que os episódios contados repetidamente ou com mais ênfase têm nessa estrutura, etc.

O conceito-chave sobre o qual o trabalho é desenvolvido é o de *invariantes do discurso político*, desenvolvido por Ciro Cardoso. O autor define esses elementos como “o plano daquilo que os homens políticos *não podem deixar de dizer*” (CARDOSO, s.d.: 1), isto é, elementos fundamentais que devem aparecer, invariavelmente, em todo e qualquer discurso político. Eles podem ser especificados em quatro pontos: 1) “tornar transparente a realidade social”; 2) “autolegitimar-se”; 3) “afirmar a possibilidade de gerir o social”; 4) “afirmar a identidade coletiva”. Cuidarei atentamente de cada um ao longo da análise.

EPISÓDIOS-CHAVE

Ciro Cardoso chama atenção para o fato de que “os elementos do discurso políticos supõem uns aos outros, pois cada nível é indispensável para que o conjunto possa existir e

² O presente trabalho integra o projeto “À Sombra do Jequitibá: o Quilombo São José da Serra e o Jongo no século XXI”, realizado pela turma de História Oral de 2009/2 da UFF na comunidade remanescente de quilombo de São José da Serra, em Valença, no Rio de Janeiro.

³ MATTOS, Hebe Maria. (2006) Políticas de reparação e identidade coletiva no meio rural: Antônio Nascimento Fernandes e o quilombo São José. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.º. 37, jan./jun., pp. 167-189.

para a possibilidade do próprio discurso político” (CARDOSO, s.d.: 5-6). Nesse sentido, alguns episódios relatados por Toninho Canecão são exemplares da imbricação desses elementos, e procuraremos analisá-los nesse sentido.

O primeiro deles aparece integralmente tanto na entrevista coletiva (ESJ 000) quanto na individual (ESJ 030). Toninho relata uma reunião convocada por ele com o prefeito de Valença e seu eleitorado, quando da ocasião da retirada de seu primeiro título de eleitor, que fez com que ele passasse a se preocupar mais com a finalidade do voto. Deparando-se com a corrupção do processo eleitoral pelo prefeito, Toninho decidiu, conjuntamente com o eleitorado, cobrar providências a ele.

“Que quando eu vim pra reserva, tirei meu título e falei: ‘Puxa vida, agora vou poder votar!’. Mas eu... falei: ‘Puxa vida, como é que eu vou votar? Eu tenho que valorizar meu voto’. Aí eu vi a... aí eu lembrei e falei: ‘Puxa vida... a minha comunidade, tem **muita** gente na comunidade! E a gente tem que fazer valer o nosso voto!’” (ESJ 030: 8).

Esse trecho revela a necessidade de construção de uma coletividade, como sinaliza Cardoso. Para ele, “os homens políticos devem usar o seu discurso para a ativação de mecanismos identitários” (CARDOSO, s.d.:5). A partir desse trecho e nas posteriores falas ao público da reunião, Toninho Canecão utiliza o “nós”, apresentando-se como “algo mais que um ‘indivíduo’ e pretendendo, ao mesmo tempo, “falar a mais que uma soma desconexa de indivíduos” (CARDOSO, s.d.:5).

Aí eu fiz uma reunião, convoquei o prefeito... Convoquei, foi até convocado mesmo, num convidei não, falei: “Convocamo o senhor prefeito que compareça nessa reunião, né, porque ele tá devendo uma explicação pra o povo”... E fizemos a reunião (...). Quando ele viu aquela força política mesmo ali, que tinha condições e uma pessoa orientando, que tinha condições de mudar alguma coisa, aí ele pediu pra usar a palavra, falei: “Não, o senhor primeiro vai ouvir, tá? O senhor vai ouvir, que a reunião é gravada, e depois vou mandar uma cópia da reunião pro senhor”, né? (ESJ 030: 8-9).

Verifica-se aí, primeiramente, um elemento que aparece diversas vezes: o espírito contestador de Toninho. Em outros trechos, ele se afirma um “guerrilheiro” dentro da comunidade. Essa seu destacamento dentre os homens “comuns” se relaciona com um dos eixos da autolegitimação, a distinção, isto é, “a excelência diferencial que permite governar” (CARDOSO, s.d.: 4). Além disso, ele afirma sua possibilidade de mudar a realidade, de gerila. Cardoso afirma que o homem político deve mostrar essa habilidade. Nesse processo também, o chamado “discurso da imputação” é essencial, isto é, “a busca dos culpados de que as coisas andem mal, em paralelo à afirmação de que, se forem tomadas as medidas corretas (...), a situação terá solução ou, pelo menos, melhorará visivelmente” (CARDOSO, s.d.: 4)

Só que quando o prefeito entrou na sala, foi mesmo que jogou um balde d'água... Que num... Todo mundo preocupado com o prefeito, aquela autoridade, né? O pessoal levantou na hora que o prefeito entrou, todo mundo, eu falei: "Não! Senta, senta, senta... Tá? Quem chegou aqui é o prefeito. E o prefeito hoje, aqui, não merece que a gente levante pra ele. Ele tem que dar explicação! Ele tá sendo mau gestor! Cês vão levantar com ele por quê?" (ESJ 030: 9). "O prefeito, gente, é o nosso prefeito, é quem vocês votaram nele! Como é que na hora de votar vocês num... né? Vocês se manifestaram pra votar e num manifesta agora, pedindo alguma coisa, o moço tá aí! Agora é que nós vamo falar" (ESJ 000).

Diante da paralisação do povo frente à imponência da autoridade do prefeito, Toninho Canecão exerce a função de "tornar transparente a realidade social". Ciro Cardoso afirma que esse procedimento se dá através de uma simplificação extrema da realidade e que comumente são utilizadas "taxonomias rudimentares e mesmo maniqueístas" (CARDOSO, s.d.: 2). Assim, Toninho esclarece: o prefeito é mau-gestor, a comunidade o elegeu, logo, tem o direito de cobrar dele.

Aí eu só sei que... o prefeito (...), ele falou: "Olha, eu nunca fiz nada aqui porque aqui a gente não tem um representante a altura e hoje eu tô vendo que eu tenho essa pessoa. E essa pessoa, Toninho, é você, apesar de eu não te conhecer, mas eu acho que o seu perfil, pelo que eu já vi falar de você, você é uma pessoa certa pra trabalhar comigo. E... você aceitando isso, em vez de eu fazer alguma coisa pra aqui, pro seu lugar (...). E aquilo na hora, pra mim, foi um banho de água fria (...). Aí o povo levantou... "Aceita! Aceita! Aceita!" e eu aceitei o cargo de subprefeito." (ESJ 030: 8-9)

A história se fecha com a absoluta legitimação de si: Toninho Canecão obtém tanto o reconhecimento do prefeito quanto a aclamação popular, tornando-se representante político oficial da população de Santa Isabel. Verificamos aí a combinação perfeita entre os dois eixos complementares que compõem a autolegimação: Toninho é identificado com o cargo que ocupará e com a comunidade que representa e ao mesmo tempo distingui-se dela por suas características especiais, pelo "seu perfil" singular.

O segundo episódio narra a retomada da Igreja do Rosário pela comunidade negra de Valença.

"Aí o movimento negro, eu sabia da força do movimento negro em Barra Mansa, convidei alguns líder do movimento negro pra discutir na Câmara de Valença, fazer discurso na Câmara de Valença... e nós criamos uma pastoral afro-descendente! Tinha uma escola, tinha uma igreja lá em Valença que (...) quem construiu foi o negro, uma liderança negra. Mas só que, com o tempo, ela... aquela, aquele pessoal mais chegado à igreja **dominou**, né? (...) Aí eu peguei, o que que eu fiz? Comecei os bairro lá, que o bairro tinha muito negro mesmo em Valença, falei: "Gente, vamos criar uma pastoral afro?" (...) e nós começamo a fazer, é... **missa!** Missa e reunião **dentro** da igreja. (...) E a gente de propósito, a gente levava, "Ah! Todo mundo leva broa! Leva num sei o que pra gente comer durante a reunião" (risos) E quando terminava, era... a igreja ficava lotada de farelo de broa, de broa, né? (...) Nossa senhora! Aí quando chegou, chegou uma dona lá: "Olha, tudo bem. Vocês pode até continuar fazendo a reunião de vocês, mas num tão no chiqueiro não!" (risos) (...) Eu falei: "Começou!". *Isso que eu queria, né?* (disse, rindo) Eu queria resistência do

outro lado, né? Aí falei: “Não, eu vou dar pra vocês! Vocês, quando cês usar, cês vão lavar a Igreja, vão entregar limpinha”. É, agora chegou... Porque, se você não mexer com o brio das pessoas, cê não começa nada. Aí eu falei: “Viu, gente, viu? A gente tá aqui num lugar que é nosso, e coisa” e aí puxamo, tinha um padre também, né, aderiu ao nosso movimento. Falei: “Cê viu? O negro fez a igreja, construiu a igreja e hoje nós somos considerados como porco aqui dentro da igreja!”. Aí nós tomamo força, né? Tomamo força da igreja...! (ESJ 030: 12-13)

É muito interessante o modo com que Toninho Canecão imbrica os invariantes do discurso político nesse episódio. Seu cômico plano de “mexer com os brios das pessoas” criando “resistência do outro lado” é muito interessante. Através dele, Toninho esclarece a realidade social para os negros: foram seus antepassados que construíram a Igreja e, não bastasse os brancos terem-na tomado de suas mãos, ainda os acusam de “porcos” dentro dela. É ele quem *cria* a situação para tornar isso palatável.

O fortalecimento da identidade coletiva também é particularmente significativo nesse episódio, dado que ele se inclui mais explicitamente no movimento negro enquanto líder, aproximando-se das outras lideranças.

A AUTOLEGITIMAÇÃO

Ao analisar as entrevistas como um todo, notei que o elemento da autolegitimação prepondera sobre todos os outros. Vale comentar de que formas ela aparece, considerando a complementaridade dos eixos “identificação” e “distinção”.

Uma das formas mais interessantes de autolegitimação é a predestinação, intimamente relacionada com o pertencimento a uma linhagem de grandes líderes do Quilombo São José: seu avô e seu pai, líderes temporais, e sua mãe e sua irmã, líderes religiosas. Sua consagração enquanto líder no momento do nascimento pelo avô, cego à época, é um episódio bastante emblemático:

“meu avô ficou cego, meu avô era um líder da comunidade São José da Serra. E meu avô pediu que a minha mãe, que quando eu nascesse que ela, fosse criado com ele. E ele me preparou, eu, né, pra que fosse um líder no Quilombo São José da Serra. Então eu nasci líder aqui nessa comunidade. Eu num me vejo, eu, como presidente da associação, me vejo, eu, como líder da comunidade, foi uma coisa passada pelo meu avô” (ESJ 000:8).

O pai também é apresentado como uma liderança identificada com a comunidade, mas com características especiais que o distiguiram enquanto líder. Segundo Ciro Cardoso, “a legitimidade pessoal pode apelar para uma identificação com um dado setor da população em

certos casos, mas sempre tratará de valorizar estilo, experiência, sinceridade, honestidade” (CARDOSO, s.d.: 3).

“Então com a morte do meu pai, foi um arraso aqui na comunidade, né? Aí eu voltei, fiquei seis meses aqui na comunidade, conversando com cada um deles e dizendo assim: “Olha... meu pai, ele foi um homem de luta e tudo que ele queria era que a gente, né, crescesse aqui na comunidade, e nós não vamos usar a morte dele pra gente morrer também. Então é bom avançar, aproveitar, né, aquele exemplo dele” (ESJ 030: 5).

Sua mãe ocupa um lugar fundamental nessa linhagem de líderes. Segundo Toninho, ela era a grande liderança por trás da liderança de seu pai. Além disso, está associada a ela a característica da educação formal, que mais tarde é trabalhada nas entrevistas como uma virtude singular do Quilombo:

“E a minha mãe, uma das coisas que eu gostaria de falar que a minha mãe foi uma líder. Meu pai era um líder, mas era escorado com uma grande líder! Que a minha mãe, ela foi **criada** numa fazenda, minha mãe (...) ela trocou o serviço da casa com aprender ler e escrever. Então a minha mãe foi a primeira negra do Quilombo que sabia ler e escrever (...) Aí meu pai construiu a casinha lá em cima, fazia uma, fez uma sala bem grande e todos homem passava na casa da minha mãe pra poder aprender ler e escrever. Então isso fez a nossa comunidade ganhar ponto, porque a comunidade, apesar de ter pessoa que não tinha um grau de instrução coisa, mas sabia, **todos** velho da comunidade sabia ler e escrever, que aprendeu com a minha mãe, né?” (ESJ 000: 14)

O espírito contestador, já mencionado, é uma forma relevante da distinção na autolegitimação. Toninho Canecão se coloca como singular nesse sentido desde pequeno, de modo a trazer benefícios à comunidade mesmo quando ainda não a representava formalmente

“Mas eu sempre fui assim, um garoto, dentro da comunidade, praticamente eu fui um guerrilheiro aqui dentro. O meu avô me deu esse título de... de eu ser líder, e eu usei essa liderança em cima dos fazendeiro. Né? Então, comecei brigar com os fazendeiros, discutir, é... esse negócio de vale, que não tava certo, cheguei até mudar mesmo, alguns fazendeiro, quando chamava a gente pra trabalhar, meu pai era empreiteiro, chegava: “Olha, pai, o senhor vai pegar, mas a gente vai querer receber em dinheiro”, aí falou assim: “Ah! Mas pra que isso? Tá tudo bem!”, falei: “Não, mas... ou em dinheiro ou meu pai não vai pegar, porque eu trabalho junto com meu pai”, aí nós conseguimos mudar.” (ESJ 030:5)

Sempre esclarecido em relação à importância da educação formal (“eu tinha noção que eu tinha que estudar”⁴), Toninho se coloca como o representante esclarecido de uma comunidade não tão esclarecida. Fala com orgulho do título de “embaixador” conferido pelo

⁴ ESJ 030:3.



jornal O Dia numa reportagem feita sobre o Quilombo, “apesar da comunidade ser daquele jeito” (ESJ 030:7). Referindo-se à nossa visita, assinala novamente essa relação de irradiação de esclarecimento e até “bom” comportamento para a comunidade: “Quando chega lá, que vocês vêm, vocês pensam que vão encontrar uma comunidade, aonde... né? Acho que vocês se surpreenderam com a... de ver como é que a nossa... pessoal, né? Age... e relaciona aqui dentro da comunidade, né?” (ESJ 030:8).

CONCLUSÃO

Ao longo das entrevistas, o discurso de Toninho Canecão me pareceu muito bem estruturado, cuidadosamente construído e de uma inteligência política impressionante, não obstante permeado de leveza e naturalidade. Aspásia Camargo elucida isso afirmando que “os políticos estão acostumados a dialogar e a se expor ao julgamento público, o que os leva a desenvolver espontaneamente a reflexão oral articulada sobre suas próprias vidas e experiências” (CAMARGO, 1984: 13). Desse modo, Toninho Canecão coloca-se como ator social racional, consciente de suas posições e interesses estabelecidos (CAMARGO, 1984: 23).

A imagem de si, no conceito de Pollak, relaciona-se diretamente com esse aspecto. Pude notar nas entrevistas um método sistemático nas respostas de seu Toninho, no qual ele dava uma grande volta em diversas histórias para apenas no fim conceder-nos a resposta específica ao que havíamos perguntado. Assim, ele dizia *tanto o que nós queríamos saber quanto o que ele queria dizer*.

Um importante elemento relacionado a isso é o uso dos pronomes pessoais (POLLACK, 1992: 213-214) que predomina em cada entrevista. Na entrevista realizada coletivamente, o “nós” predomina sobre o “eu”, evidenciando um objetivo de apresentar-nos a comunidade enquanto coletivo. Já na entrevista que eu realizei sozinha, o enfoque ficou sobre o “eu”, pois o objetivo era contar a sua própria trajetória enquanto líder da comunidade.

Diante dessas afirmações, é muito importante lembrar que essa estruturação do discurso político conforme realizada neste trabalho não significa maquiavelismo algum por parte do entrevistado. Ciro Cardoso chama atenção para o fato de que aqueles que proferem o discurso político “interiorizam as leis do gênero discursivo em questão e partilham, em geral,

as ilusões necessárias ao seu funcionamento, por mais que joguem com elas segundo suas conveniências estratégicas” (CARDOSO, s.d.:1).

Por fim, resta uma pergunta: por que o elemento da autolegitimação parece se sobrepôr sobre os demais invariantes do discurso político? Além do fato de que “as pessoas politicamente ativas buscam continuamente sua própria legitimação” (CARDOSO, s.d.: 3), há que se levar em consideração os planos de seu Toninho de expandir a luta quilombola para além dos novos e ampliados limites da comunidade de São José da Serra.

“Hoje não tem mais **luta**, né? (...) E eu gostaria de usar essa liderança em **outras** comunidade, pra gente chegar... nas **autoridade**, né? Porque... d’eu ter sido vereador, d’eu ser um militar reformado, então a gente já tem mais um espaçozinho, né? Pra poder a gente conversar, discutir com os político, né, da... da cidade. Então eu pretendo ir pra, pra outros lugares pra gente... continuar a luta, né?” (ESJ 030: 14)

A autolegitimação ganha um papel fundamental em um momento de expansão do trabalho político. Podemos considerar que Toninho Canecão reafirma sua capacidade de liderança para alcançar novos para alcançar novos horizontes na luta política junto a outras comunidades remanescentes de quilombos.

Bibliografia

CAMARGO, Aspásia. (1984) Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. In: **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 27, nº. 1, pp. 5-28.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. (s.d.) **Os invariantes do discurso político: Ciência Política e Antiguidade Clássica**. Apostila do curso Seminário de Poder e Idéias Políticas XI – Graduação em História na Universidade Federal Fluminense.

POLLAK, Michel. (1992) Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, pp. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. (1991) What makes oral history different. In: _____. **The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning of oral history**. Albany: State University of New York Press.



XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO
RIO DE JANEIRO, 19 A 23 DE JULHO DE 2010
UNIRIO

ISBN 978-85-60979-08-0